

teem conteúdo real de experiência vivida, as afirmações que chamam tautológicas e que não introduzem nada de novo pelo contacto com a realidade dos factos, que transformam à maneira das matemáticas, relações noutras relações; e, enfim, a terceira categoria, compreendendo as afirmações que são contraditórias, desprovidas de sentido sob o ponto de vista tautológico e que não podem ser expressas quando são confrontadas com a experiência.

.....
É certo que a atitude crítica do positivismo, na forma primitiva que lhe deu Comte ou na sua nova forma, prestou grandes serviços, particularmente nos períodos de crise, quando se estava em presença de contradições entre as diversas concepções dos factos, para analisar as dificuldades ou as contradições e preparar as sínteses.

.....
Apesar de seu sucesso, eu quero insistir no facto de que esta doutrina positivista é bastante estreita e presta-se a objecções independentemente das assinaladas pelo Presidente Bialobrzewski na sua magnífica exposição introdutória. Existe nas afirmações demasiado demarcadas do positivismo actual uma referência muito directa à experiência imediata que nos confina no presente desta.

Esta doutrina, dum espírito muito preciso e muito estreito, nega a história pois que não tem nenhuma possibilidade de ir ao passado no sentido de uma experiência imediata. O que para nós é história, dir-se-á, é a experiência imediata que se pode tirar da experiência dos factos do passado. As dificuldades que existem do lado do passado existem igualmente do lado do futuro, (1)

(1) Por outras palavras, a observação de Lan-gevin consiste no seguinte: Se entendermos — como se afirma no círculo de Viena — que o conhe-

e como notou justamente Reinchenbach, (1) um destes teóricos mais notáveis, o positivismo é obrigado a dar um papel especial à indução, donde uma fonte de grandes dificuldades.

A prova de que esta doutrina, entregue a si própria, se fecha voluntariamente o futuro e é uma doutrina estática, é que o seu primeiro autor, Augusto Comte, não teve receio de fixar limites às possibilidades da cadeia experimental; êle julgou que nós nunca poderíamos conhecer o que se passa nas estrêlas. Pouco tempo depois foi-lhe dado um desmentido pela descoberta da espectroscopia; e ainda esta manhã nós pudemos ouvir Sir Arthur Eddington falar da temperatura, do estado de desagregação dos átomos, e fazer uma química nuclear do interior das estrêlas.

É certo que dando um papel essen-

cimento reside nas experiências vividas (que é o mesmo que vivências dos sentidos, sensações ou *Erlebnis*) colocamo-nos perante esta situação: a história, os acontecimentos anteriores a nós, só podem consistir nas vivências dos nossos sentidos que correspondem ao que no realismo chamaremos documentos históricos, relatos, etc. Existe pois uma contradição entre o carácter imediato das nossas vivências dos sentidos sobre história, entre a sucessão temporal dessas sensações, e o carácter mediato da própria história como concepção de anterioridade a nós, como sucessão temporal anterior à sucessão temporal das nossas sensações de história.

(1) O próprio Reichenbach tende a adoptar uma linguagem realista quando se coloca directamente perante os problemas. Vejamos nesta transcrição de «*Atome et Cosmos*» como êle concebe uma realidade independente de nós, da nossa sensibilidade e da nossa consciência, o que é a afirmação basilar do realismo:

«Mas a uma tal objecção capciosa, escapa que as sensações e sentimentos que se encontram no nosso sentido interno, não devem nunca ser transferidas para o mundo exterior, ou seja, para as coisas objectivas. Um movimento não é o que nós sentimos, vivemos, como tal, mas uma coisa *independente da nossa sensibilidade e sem ligação com a nossa existência*; uma força não é o que nós sentimos quando tendemos os músculos, *mas uma coisa estranha a nós*, não tangível, *fora da nossa consciência*; da mesma maneira o calor é uma coisa estranha e objectiva, essencialmente diferente do que nós sentimos como sensação térmica». (Pág. 150). (Os sublinhados são nossos).